



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISA AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NA EDUCAÇÃO
INFANTIL

JAQUELINE DAIANE DE SOUZA

NEGRITUDE NA LITERATURA INFANTIL:
UMA ABORDAGEM BASEADA NA OBRA HISTÓRIAS DA PRETA, DA AUTORA
HELOISA PIRES LIMA

GUARABIRA-PB

2017

JAQUELINE DAIANE DE SOUZA

NEGRITUDE NA LITERATURA INFANTIL:

**UMA ABORDAGEM BASEADA NA OBRA HISTÓRIAS DA PRETA, DE HELOISA
PIRES LIMA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Especialização em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista, orientado pela prof^a. Ms^a Sheila Gomes de Melo.

GUARABIRA-PB

2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S719n Souza, Jaqueline Daiane de

Negritude na literatura infantil [manuscrito] : uma abordagem baseada na obra histórias da Preta, de Heloisa Pires Lima / Jaqueline Daiane de Souza. – Guarabira: UEPB, 2017.
42 p.

Digitado. Monografia (Especialização em Educação Étnico Racial na Educação Infantil) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró- Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2018.
"Orientação : Profa. Ma. Sheila Gomes de Melo, Departamento de Educação - CH."

1. Criança Negra. 2. Identidade Étnica. 3. Negritude.

21. ed. CDD 808.068

JAQUELINE DAIANE DE SOUZA

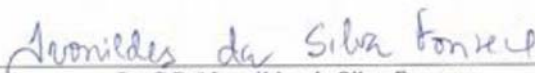
NEGRITUDE NA LITERATURA INFANTIL: UMA ABORDAGEM BASEADA NA
OBRA HISTORIA DA PRETA, DA AUTORA HELOISA PIRES LIMA

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil da Universidade Estadual da Paraíba como requisito para a conclusão sob a orientação da Profª Msª Sheila Gomes de Melo.

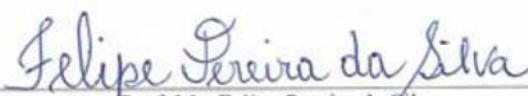
Aprovada em: 28 / 11 / 2017



Profª. Msª Sheila Gomes de Melo
Orientadora



Profª Drª Ivonildes da Silva Fonseca
Examinadora



Prof. Ms. Felipe Pereira da Silva
Examinador

RESUMO

Diante de um cenário brasileiro permeado de práticas de preconceito, racismo e constante marginalização da história do negro, urge a necessidade do trabalho em sala de aula com conteúdos que valorizem a formação da identidade étnica e que reformule os conceitos de negritude. Na pesquisa aqui apresentada, propomos analisar o processo de aceitação e construção da identidade negra da personagem infantil do livro “Histórias da Preta” da autora Heloisa Pires Lima. O trabalho emergiu dos estudos da temática na Especialização em Educação Étnico Racial na Educação Infantil, campus III, Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Evidenciando o caminho percorrido pela Preta, narradora-personagem principal, percebe-se que a mesma busca conhecer a sua história e nesse percurso vai se reconhecendo enquanto negra, se aceitando e se valorizando. Acredita-se que esta obra é um instrumento capaz de auxiliar o professor, juntamente com a Lei Federal 10.639/03 (BRASIL, 2003), no desenvolvimento da identidade étnica racial da criança negra.

Palavras-chave: Criança Negra, Identidade Étnica, Negritude.

ABSTRACT

Faced with a Brazilian scenario permeated by practices of prejudice, racism and constant marginalization of the history of the black, there is an urgent need for classroom work with content that values the formation of ethnic identity and reformulate the concepts of blackness. In the research presented here, we propose to analyze the process of acceptance and construction of the black identity of the children's character in the book "Histórias da Preta" by author Heloisa Pires Lima. The work emerged from the studies of the theme in the Specialization in Racial Ethnic Education in Early Childhood Education, campus III, State University of Paraíba - UEPB. Evidenciating the path traveled by Preta, narrator-main character, it is perceived that the same seeks to know its history and in this course is recognizing itself as black, if accepting and valuing. It is believed that this work is an instrument capable of assisting the teacher, along with Federal Law 10.639 / 03 (BRAZIL, 2003), in the development of the ethnic racial identity of the black child.

Keywords: Black Child, Ethnic Identity, Negritude.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - África/Ancestralidade	22
Figura 2 - A Preta com a sua avó	23
Figura 3 - Mapas das Etnias da África.....	24
Figura 4 - Os escravos	28
Figura 5 - Escravos lutando capoeira.....	31
Figura 6 - A Preta menina contando suas histórias	32
Figura 7 - Religião/Candomblé	35
Figura 8 - Culto aos Orixás/festividade	37
Figura 9 - A personagem representa as diferenças	38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPITULO I – A LEI 10.639/2003: BUSCANDO A SUA APLICABILIDADE E COMPREENDENDO A SUA IMPORTÂNCIA NO ÂMBITO EDUCACIONAL	10
CAPITULO II – O USO DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL COM PERSONAGENS NEGROS E O PAPEL DO(A) PROFESSOR(A)	16
CAPITULO III – ANALISANDO O PROCESSO DE ACEITAÇÃO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA NA OBRA	20
3.1 Capítulo I - África	22
3.2 Capítulo II – O roubo do tesouro	28
3.3 Capítulo III – São direitos ou estão tortos?	31
3.4 Capítulo IV – Historietas da Preta	32
3.5 Capítulo V – Histórias do Candomblé	35
3.6 Capítulo VI – Diferente de ser igual	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca analisar o processo de aceitação e construção da identidade negra presente no livro “Histórias da Preta” da autora Heloisa Pires Lima, através das narrativas da personagem principal infantil, evidenciando os caminhos percorridos enquanto criança ao se perceber negra, buscando conhecer a sua própria história. Partindo desse pressuposto, procuramos identificar quais os elementos que possibilitaram as discussões sobre identidade negra e sua valorização.

Esta obra é composta por 06 (seis) capítulos, todos eles apresentam histórias relacionadas à África, nossa proposta é despertar um novo olhar na criança e no público leitor (a), direcionado para a valorização das diversidades culturais presente na obra e as lutas que os povos africanos enfrentaram no seu país de origem até chegarem ao Brasil, como também a importância do legado histórico e cultural deixado na formação do povo brasileiro.

É possível evidenciar alguns episódios de preconceito racial ao longo da narrativa, estes sofridos pela narradora-personagem a “Preta”. O trabalho emergiu dos estudos da temática na Especialização em Educação Étnico Racial na Educação Infantil – UEPB. A proposta é evidenciar o caminho percorrido pela narradora-personagem principal, percebe-se que a mesma busca conhecer a sua própria história e nesse percurso vai se reconhecendo enquanto negra, se aceitando e se valorizando. Acredita-se que esta obra de literatura infanto - juvenil é um instrumento capaz de auxiliar o professor, juntamente com a Lei Federal 10.639/03 (BRASIL, 2003), no desenvolvimento da identidade étnico racial da criança negra.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar o processo de aceitação e construção da identidade negra da personagem protagonista no livro Histórias da Preta, da autora Heloisa Pires Lima, através das narrativas, evidenciando os caminhos percorridos pela narradora-personagem principal no contexto de sua infância, que proporcionaram mecanismos capazes de ajudar na superação dos preconceitos e discriminações. Nesse contexto, os objetivos específicos são: Identificar na obra, elementos que possibilitem discussões sobre identidade negra e sua valorização; Enfatizar os episódios de preconceito racial presentes na narrativa; e as contribuições deixadas pelos povos africanos para a cultura, história, e formação de sujeitos conscientes de seu papel social.

Desde a mais tenra idade torna-se necessário uma educação direcionada para a construção do sujeito, para que possa fortalecer o reconhecimento e o respeito às diversas diferenças presentes nos âmbitos sociais e familiares. Ao atentarmos para os elementos que inferiorizam as crianças negras, é possível evidenciar entre alguns fatores determinantes,

como a invisibilidade dos povos africanos nos livros didáticos, apesar de haver registros de sua história, não existe uma valorização, pois estes sujeitos continuam sendo estigmatizados e excluídos das narrativas oficiais, ou seja, existe uma ausência de histórias que legitimem o seu legado e a sua contribuição para a formação da sociedade brasileira.

Consideraremos o projeto como ferramenta capaz de alterar a realidade vivida em sala de aula, pois ao proporcionar uma abordagem direta em relação à temática, enfatizaremos a construção da identidade étnica das crianças no ambiente escolar e social. Um dos desafios introduzidos nessa problemática está em inserir determinadas particularidades no planejamento escolar, busca-se trabalhar as atitudes discriminatórias e preconceituosas dentro desse espaço de convivência infantil.

Partindo desses pressupostos, através de uma abordagem qualitativa, procuramos identificar quais os elementos que possibilitaram as discussões sobre identidade negra. Para o presente estudo utiliza-se de uma pesquisa bibliográfica, com o objetivo de se realizar um levantamento do material já publicado. Segundo Prodanov e Freitas (2003, p. 54), a pesquisa bibliográfica tem “(...) o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa”.

Através da leitura de livros, artigos, publicações e da obra analisada, com o intuito de compreender as concepções de vários autores que contribuíram para uma investigação sobre as questões raciais no contexto da Educação Infantil, entendemos que é possível alterar alguns contextos sociais dentro da sala de aula com o auxílio de livros, neste primeiro momento com o uso de livros de literatura infantil que abordem as questões de pertencimento racial, identidade e cultura negra, a proposta é selecionar escritores que tenham essa preocupação social, em problematizar e desconstruir estereótipos relacionados ao negro no Brasil.

Com base nas pesquisas realizadas correlacionas ao tema, através da análise do livro *Histórias da Preta*, buscamos encontrar alguns aportes de apoio que proporcionassem uma melhor compreensão sobre a importância de se trabalhar essa temática juntamente com o auxílio da Lei 10.639 (BRASIL, 2003), como forma de combater o preconceito racial, presente nas salas de aulas de todo o país. Estas questões embasaram os tópicos do capítulo inicial.

CAPITULO I – A LEI 10.639/2003: BUSCANDO A SUA APLICABILIDADE E COMPREENDENDO A SUA IMPORTÂNCIA NO ÂMBITO EDUCACIONAL

Em decorrência da necessidade de implementar a Lei federal nº 10639/03 (BRASIL, 2003), de 09 de janeiro de 2003, que altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que determina a inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, surgem as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais (BRASIL, 2009). O documento propõe uma abordagem que seja voltada a realização de um trabalho que possibilite uma interação entre os conteúdos aplicados em sala de aula e sejam relacionados à educação étnico racial, desde os primeiros anos do ensino infantil. Portanto, de acordo com Brasil (2009),

O presente Plano Nacional tem como objetivo central colaborar para que todo o sistema de ensino e as instituições educacionais cumpram as determinações legais com vistas a enfrentar todas as formas de preconceito, racismo e discriminação para garantir o direito de aprender e a equidade educacional a fim de promover uma sociedade mais justa e solidária (BRASIL, 2009, p. 22).

Essa legislação serve como suporte capaz de propor mecanismos que auxiliem o professor em sala de aula, a buscar novos meios de transmitir conteúdos que possibilitem trabalhar as questões étnico raciais, no intuito de propor práticas que acabem com o preconceito e o racismo, que ainda é muito presente no ambiente escolar e social da criança brasileira. Portanto, há uma considerável preocupação com a construção desses novos sujeitos, para isso a efetivação da abordagem das Relações Étnico-Raciais e História e Cultura Afro-brasileira e Africana nos currículos educacionais são de extrema importância. Conforme Sarzedas (2007) afirma,

Essa Lei significa, então, uma ação afirmativa que procura dar novo significado à identidade do negro brasileiro, através da correção das distorções estabelecidas pelo mito da democracia racial, pela naturalização da diferenças e pela negação das diferenças étnico-raciais brasileiras (SARZEDAS, 2007, p. 11).

A implantação da Lei 10639/03 (BRASIL, 2003), que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo escolar da Educação Básica, configura-se num processo de resgate histórico da contribuição dos negros na formação e construção da sociedade brasileira. Essa nova abordagem das culturas africanas e afro-brasileira propõe o fortalecimento da construção da identidade negra desses pequenos sujeitos, desde a sua infância, Sarzedas (2007) faz uma análise afirmando que

Dessa forma, a criança brasileira passa a ter contato com uma “nova” versão da história do Brasil, um resgate da cultura africana e afro-brasileira, procurando reverter anos de associações negativas a tudo que se refere ao negro. Assim, espera-se que através da valorização, a identidade negra seja resgatada (SARZEDAS, 2007, p. 11).

Mesmo após quatorze anos que a lei 10639/03 (BRASIL, 2003) foi aprovada, nota-se que nos dias atuais ainda existem diversos desafios para que a mesma possa vir a ser implantada de acordo com os conteúdos disciplinares tanto quanto a forma como esta deveria ser abordada. Muitos educadores justificam a ausência desses conteúdos em sala de aula devido à falta de materiais pedagógicos, ou de uma formação adequada para os mesmos, que fizesse um direcionamento específico para a abordagem em sala de aula dessas temáticas. De acordo com Munanga (2005),

Alguns dentre nós não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores e educadores o necessário preparo para lidar com o desafio que a problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação dela resultadas colocam quotidianamente na nossa vida profissional. Essa falta de preparo, que devemos considerar como reflexo do nosso mito de democracia racial, compromete, sem dúvida, o objetivo fundamental da nossa missão no processo de formação dos futuros cidadãos responsáveis de amanhã (MUNANGA, 2005, p. 15).

No entanto, apesar dessa ausência na formação dos “cidadãos, professores e educadores”, é possível evidenciar, graças à crescente mobilização social de vários grupos voltados à defesa dos direitos humanos, principalmente o trabalho para o respeito às diferenças, propondo uma igualdade de direitos civis a todos os indivíduos. É notório que já é possível visualizar um grande avanço que sucedeu com a criação de uma legislação específica, esta tem feito com que ocorram muitas mudanças no âmbito educacional e os currículos passaram por transformações significativas. A pesquisadora Maria Batista de Lima (2008), no seu artigo sobre o processo de Identidade Étnico/Racial nos aponta que

No Brasil tem se fortalecido também, no contexto dos estudos étnico-raciais no país a perspectiva teórica do uso dos conceitos **de afrodescendência, etnia e identidade negra**, sem perder de vista o conceito de **raça** como categoria historicamente implicada com a afrodescendência da população brasileira e do racismo como instrumento de desigualdade nos diversos espaços dessa sociedade (LIMA, 2008, p. 37).

Os professores (as) necessitam obter uma formação ou se atualizarem realmente para poder trabalhar essas novas abordagens, pois de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura AfroBrasileira e Africana (BRASIL, 2009), a inexistência dessa aplicabilidade da lei é que faz

surgir grandes problemáticas em sala de aula e fora do ambiente estudantil. Diante deste quadro, não se pode negar que existem profissionais que não estão preparados para resolver questões problemáticas de cunho racial, entretanto, não tem como o profissional negar a ocorrência de várias situações de discriminação que acontecem nesse espaço social, muitas vezes o professor despreparado prefere fingir que não está percebendo essas situações para não ter que intervir. Como acontece na narração de Lima:

María é uma menina que mora na periferia de São Paulo; Rosa é outra menina e mora num bairro chique da cidade. As duas são negras e já receberam algum apelido humilhante nas suas respectivas escolas. Numa delas a professora até sabia que isso não era certo, mas não sabia muito bem o que fazer, e então fingiu que não estava vendo nada. Outra vez uma das professoras disse assim: “Vai menina inventa um apelido pior!”. Mas a pior reação foi quando a professora deu risada do apelido humilhando mais ainda a menina (LIMA, 2005, p.49-50).

Constantemente identificamos relatos de gestores (as) e professores (as) que não querem trabalhar em sua sala de aula essas temáticas raciais, mesmo com a obrigatoriedade desses conteúdos, existem muitas resistências em abandonar antigos materiais, para se trabalhar as diversas diferenças que abrangem o seu alunado.

Ao observarmos cuidadosamente o ambiente escolar e as relações sociais do indivíduo podemos denotar algumas atitudes preconceituosas dentro desse cenário. O professor e os indivíduos inseridos nesse contexto repassam constantemente atitudes preconceituosas de maneira velada. Porém, as crianças percebem as diferentes atitudes que muitos professores tomam com relação ao seu alunado branco e o tratamento diferenciado que direciona aos alunos negros, a desmotivação, o preconceito e o racismo presente no cotidiano da sala de aula, são perceptíveis através de pequenas atitudes, estes gestos por parte de colegas, professores, é capaz de desencadear vários sentimentos de inferioridades no aluno ou aluna negro (a), a diferença de tratamento, as diversas formas de separação entre negros e brancos são fatores determinantes para tal comportamento de reclusão por parte do alunado negro que se sente inferiorizado nesse ambiente. Portanto, de acordo com os pesquisadores Simão e Santin (2015),

O que queremos ressaltar aqui, nesta afirmação, é que o pensamento racista está naturalizado e intrínseco nas formas de pensar accitadas socialmente. Ou seja, os próprios atores sociais não percebem que são racistas ou que agem e pensam de acordo com uma norma de discriminação racial. O racismo acabou por se manifestar de uma maneira difusa e nebulosa dentro do pensamento social brasileiro, o que o torna muito mais perigoso e difícil de combater (BUSS-SIMÃO; SANTIN, 2015, p.545).

Os professores (as) precisam estar atentos às suas atitudes dentro do contexto escolar, na sua forma de incentivar e tratar os indivíduos, principalmente em relação aos seus alunos (as) negros (as). Para que assim possa combater o surgimento de novas condutas preconceituosas e que possam impedir a prática do racismo, tanto no ambiente escolar quanto fora dele. É pertinente ao profissional que atue na área da educação infantil o conhecimento da realidade do seu alunado, para que com isso possa auxiliar os diversos casos de alunos e alunas com problemas de socialização, pertinentes a esta problemática racial ou em outros contextos sociais.

O cotidiano escolar está repleto de práticas sociais racistas que são inaceitáveis para os dias atuais. Isso com relação ao campo docente e alunado. Se o estudante negro não se sente valorizado e inserido no meio, em alguns casos, sua reação será de se isolar, de não participar das atividades e estudos de forma integral. Além disso, muitas das vezes o cenário familiar da criança negra é repleto de situações problemáticas, envolve situações que os oprimem, que fazem com que os mesmos queiram se afastar do ambiente escolar, às vezes para ter que ajudar no sustento familiar.

A desvalorização da história do negro dentro do contexto histórico é um processo que está presente desde a formação da sociedade brasileira, sua ausência é constantemente enfatizada. Faz-se necessário que os docentes procurem materiais que possibilitem o surgimento de uma nova perspectiva.

O protagonismo das pessoas escravizadas, bem como a importância de suas lutas como contribuição para a formação e o desenvolvimento da sociedade, também são cada vez mais reconhecidos e compõem análises mais fundamentadas e isentas de estereótipos e distorções. Aos poucos, a partir de novas conceituações, metodologias e teorizações sobre o sistema escravista, firma-se uma crítica aos mais influentes modelos explicativos da economia colonial (PEREIRA. 2014, p. 34).

A falta de conhecimento dos professores e estudantes acerca da temática africana e a dificuldade de desenvolvê-la com os (as) alunos (as) de forma consciente, é algo que requer atenção, para que se possam fazer novas abordagens com relação aos conteúdos da história do negro afro-brasileiro e africano. Conforme nos aponta Munanga (2005),

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da

qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional (MUNANGA, 2005, p. 16).

Portando, através dessa nova proposta, de se trabalhar em sala de aula conteúdos que possibilitem a quebra de antigos preconceitos enraizados desde os primórdios da colonização, tempos em que o negro foi escravizado, que teve a sua liberdade retirada de forma abrupta, seus direitos, sua cultura e importância na formação da humanidade negada por séculos de história. Ou seja, os docentes precisam trabalhar essa temática de uma maneira que seja possível realizar os estudos direcionados para desmistificação do sujeito negro escravizados, ampliar o conhecimento sobre o continente africano e possibilitar a aprendizagem dos valores culturais deixados por esses povos, propondo um resgate cultural. Partindo desse pressuposto, segundo Gomes (2013),

Os conhecimentos dos próprios docentes sobre as relações étnico-raciais e sobre história da África ainda são superficiais, cheios de estereótipos e por vezes confusos. O grupo de discussão com os/as estudantes foi revelador de tal situação. Os/as estudantes demonstraram de maneira geral que o trabalho envolvendo a educação das relações étnico-raciais tem conseguido alertá-los, sensibilizá-los, informá-los sobre a dimensão ética do racismo, do preconceito e da discriminação racial, mas lhes oferece pouco conhecimento conceitual sobre a África e sua inter-relação com as questões afro-brasileiras (GOMES, 2013 apud PEREIRA, 2014, p. 42).

É imprescindível que através dessas novas formações, sejam por meio de cursos de aperfeiçoamentos ou atualizações, até mesmo mediante do uso de novos materiais didáticos, os (as) professores (as) possam realizar análises mais fundamentadas dessas novas práticas e metodologias, e que tenham capacidade de formular críticas aos antigos modelos explicativos repletos de estereótipos, presentes nos livros didáticos, filmes, revistas, entre outros meios midiáticos que repercutem a figura do negro de forma negativa, mesmo em um país como o Brasil, que afirma não ter preconceito social ou racial. Ou seja, existe uma negativa realizada por diversos seguimentos sociais.

O racismo ganhou uma forma mascarada de se expressar, ou seja, se manifesta de forma implícita. O que o torna muito mais perigoso do que o racismo explícito, pois, dessa forma, temos mais dificuldade em julgar ou afirmar que o indivíduo está agindo de uma forma discriminatória, desigual e injusta somente pela cor da pele ou pelo cabelo da pessoa (BUSS-SIMÃO, SANTIN, 2013, p.541).

Identificar atitudes discriminatórias não é uma tarefa fácil, principalmente quando você não é o sujeito que está sofrendo ou vivenciando essa situação. Dentro do contexto em que esta é manifesta de forma intrínseca ou implícita, segundo Marcia buss-Simão e Adones

Santin (2013), a forma como essas atitudes acontece é que torna o processo de identificação mais difícil, porque as motivações são diversas, muitas vezes o sujeito sofre a discriminação pela sua cor de pele, como é o caso da personagem do livro analisado, Histórias da Preta, que sofreu de várias formas com o racismo, por causa da sua cor de pele, sua religiosidade, como também pelo fato dela se posicionar na fase adulta como pesquisadora, e defender a cultura africana, estes foram alguns fatores que a fizeram alvo de discriminação.

Contudo, outros indivíduos na sociedade atual sofrem situações e vivenciam no cotidiano o racismo de forma velada, também por terem traços negros, como o cabelo, por ter pais negros, por defender a sua ancestralidade, como o caso da personagem do livro. São várias as razões ou motivos para as diversas formas de preconceito. O processo que fica evidente nessa questão é que independentemente do motivo que as pessoas aleguem, não existe justificativa plausível para a prática do racismo.

Concluimos que o processo de aplicabilidade dessas novas leis que defendem o sujeito negro na sociedade brasileira está acorrentado ao desempenho dos profissionais que trabalham na educação como um todo. Pois, somente com a mudança na rotina escolar, neste caso com o empenho em se trabalhar essas temáticas, é que o professor (a) será capaz de formar novos sujeitos conscientes do seu papel social. Portanto, através dessa problemática procuramos analisar no segundo capítulo algumas formas de usar a literatura infanto-juvenil como mecanismo que possibilita o trabalho em sala de aula com temáticas que abordem conteúdos sobre o racismo, preconceito e as contribuições africanas deixadas para a sociedade brasileira.

CAPITULO II – O USO DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL COM PERSONAGENS NEGROS E O PAPEL DO(A) PROFESSOR(A)

Propor práticas que tenham a finalidade de combater o racismo, seja este no ambiente escolar ou social é propor um fim às desigualdades sociais e raciais. Mesmo não sendo um papel predominantemente da escola, mas esta é uma das alternativas para se começar a mudar a mentalidade dos novos educandos. É necessário que o profissional que atua na educação infantil, seja capaz de compreender que não é uma tarefa fácil o processo de reeducar, mas algo necessário a se fazer dentro desse espaço democrático que auxilia na construção do conhecimento.

Diante da contínua marginalização da cultura afro-brasileira (MUNANGA, 2005) no qual podemos observar reflexos nos setores econômicos, sociais e históricos, evidenciamos que esses aspectos afetam diretamente na representação do povo negro no Brasil. De acordo com os estudos e discussões sobre a necessidade em problematizar a construção de uma imagem positiva do ser negro, e conseqüentemente, uma abordagem positiva das relações, sobressaltam-se as experiências e vivências correlacionadas com os aspectos ligados a um passado permeado por lutas, resistência e riquezas esquecidas pelas narrativas históricas.

Consideraremos o uso da literatura infanto-juvenil com personagens negros, uma ferramenta capaz de alterar a realidade vivida em sala de aula, pois ao proporcionar uma abordagem direta em relação à temática enfatizaremos a construção da identidade das crianças. Um dos desafios inseridos nessa problemática está em inserir determinadas particularidades no planejamento escolar, busca-se trabalhar as atitudes discriminatórias e preconceituosas dentro e fora do ambiente escolar.

O papel do educador enquanto agente social promotor de igualdade ocorrerá, segundo Ferreira (2003, p.27), “Somente através da conscientização de suas ações, é que o professor irá perceber a importância de buscar novas metodologias para o ensino de relações étnico raciais.” Através de uma busca minuciosa e uma atenta análise em sala de aula é que o professor será capaz de entender como alguns tipos de comportamentos negativos em relação aos aspectos étnico-raciais afetam os seus alunos e alunas, que em alguns casos é recebido de forma velada, silenciosa, na qual estes sofrem e vivem essas situações. Estes não são capazes de reverter sem a ajuda dos adultos, são vários os fatores que fazem surgir os sentimentos de inferioridade e invisibilidade.

Outro fator de exclusão presente em sala de aula é a predominância de histórias e narrativas que não inserem o negro ou quando este se faz presente, há uma marginalização de estereótipos. Diante dessas questões é necessário trabalhar com obras literárias infantis e infanto-juvenis que transmitam a ideia de pertencimento e valorize a cultura afro-brasileira e de seus descendentes africanos, sobretudo para as crianças. Logo, a inserção dessas temáticas desde os primeiros anos de ensino possibilita o rompimento de paradigmas inferiorizados que são vinculados à imagem do negro.

Partindo da tomada de consciência dessa realidade, sabemos que nossos instrumentos de trabalho na escola e na sala de aula, isto é, os livros e outros materiais didáticos visuais e audiovisuais carregam os mesmos conteúdos viciados, depreciativos e preconceituoso em relação aos povos e culturas não oriundos do mundo ocidental (MUNANGA, 2005, p. 15).

De acordo Munanga (2005), as crianças são influenciadas pelo modelo europeu/estadunidense de ser, os meios de comunicação (televisão, rádio, livros, revistas e internet) repassam ideais que foram impostos desde o período da colonização, a criança para ser considerada bonita tem que seguir alguns padrões de beleza. Diante dessa perspectiva a criança negra descendente dos povos africanos não se reconhece nesse cenário social, as características desejadas é a predominância dos cabelos lisos, os narizes afilados, como também ter os olhos de cor clara e a pele cor de pêssego, essas características são frequentemente destacadas nas historinhas contadas em sala de aula, como por exemplo, nos contos clássicos da Disney com suas narrativas de princesas e príncipes exaltando as características brancas, que excluem as figuras do sujeito negro, ou quando estes estão presentes são representados na maioria das vezes como pobres, mendigos, como pessoas de classe social baixa que não fazem parte da realeza. O preconceito está presente no ambiente escolar e social disfarçado de várias vertentes, de acordo com LIMA (2008),

Imbricados nos conceitos de raça, etnia e racismo, encontra-se o preconceito racial, a discriminação racial e a segregação, que são maneiras de expressar o racismo e correspondem a diferentes graus de violência. Porém, o preconceito é a forma mais comum e frequente porque envolve um sentimento ou uma ideia, onde se faz presente uma visão congelada, estereotipada de características individuais ou grupais que correspondem a valores negativos (LIMA, 2008, p. 35).

A criança vai internalizando os sentimentos de inferioridade, os valores negativos com relação a sua cor de acordo com o ambiente em que está inserido. Se existe uma negatividade em torno delas esse processo será bem mais complexo, por tanto a formação identitária vai

sendo moldada ao longo de suas vivências, a falta de exemplo que aborde a figura do negro como um sujeito de valor, que tem uma grande importância na formação social brasileira, causa um desconforto nas crianças negras, por não ter uma representatividade positiva nessas narrativas, sejam estas em literaturas infantis ou livros didáticos, o negro ver o seu papel social sendo esquecido e renegado desde o período escravocrata do Brasil.

A criança tem grandes dificuldades em definir as suas escolhas, em distinguir o certo do errado, sua memória está em construção, por não se vê inserido nas narrativas, não conseguindo ter uma visão positiva do seu povo, como poderá se defender diante de situações preconceituosas, ou de manifestações de racismo. Enquanto que, o professor é capaz de proporcionar, através do trabalho com literaturas infanto-juvenil ou com temáticas relacionadas à negritude uma conscientização dos sujeitos, estes vão se afirmando positivamente, na medida em que vão conhecendo a sua própria história e se percebendo como atuante desse contexto histórico e social.

Trabalhar com o conceito racial em sala de aula perpassa vários entraves sociais, culturais e de assimilação. As crianças requerem um cuidado diferenciado, ao abordar essa temática dentro da sala de aula o professor (a) passa a ser o instrumento capaz de desmitificar as construções imaginárias antes implantada de forma negativa na criança. Mariosa e Reis (2011, p. 46), destacam que “a construção da identidade do indivíduo inicia-se na sua infância e vai sofrer influência de todos os referenciais com os quais ele irá se deparar ao longo de sua história. Sejam positivos ou negativos”.

A literatura é um mecanismo que promove uma maior interação entre ficção e realidade, se utilizada nessa perspectiva enquanto instrumento capaz de auxiliar os debates culturais, de gênero e raça, é possível despertar um olhar mais aguçado do alunado para essa nova forma de transmissão de valores e de percepção da realidade.

Diante desse cenário estudantil repleto de práticas racista, fica evidente que o papel do professor (a) na formação de sujeitos conscientes é de suma importância, cabe ao educador (a) quebrar antigos preconceitos que possam está inseridos na mentalidade da criança advinda desde o ambiente escolar, familiar ou social, porque como mencionamos nos capítulos anteriores a criança é capaz de reproduzir comportamentos racistas, pois ela vai filtrando o que vivência e repassa para os seus colegas, sejam no ambiente escolar ou na convivência social. Deste modo a quebra de preconceitos é realizada dentro do contexto escolar, através do fortalecimento da identidade negra. Pois somente com a discussão desses temas, é que ocorre a desmistificação.

Com base nessas discussões no terceiro capítulo abordaremos aspectos relacionados ao processo de aceitação e construção da identidade negra na criança, sendo fortalecido através do uso da literatura em sala de aula. Destacamos alguns fatores que evidenciaram essa construção da identidade étnica na personagem narradora “Preta” e ressaltando dentro da narrativa como o conjunto família e escola estão constantemente interligados.

CAPÍTULO III – ANALISANDO O PROCESSO DE ACEITAÇÃO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA NA OBRA

A percepção da criança negra sobre a literatura infantil sofre influência da visão europeísta, pois muitos não se vêem inseridos nas histórias literárias, nos livros didáticos, filmes, documentários expostos na sala, entre outras fontes. Com isso, é necessário que o educador faça uma análise de como pode se contrapor a essa realidade, de forma que possam valorizar a imagem do ser negro, mostrando a sua importância na constituição da história social brasileira, cultivando a história que foi renegada.

Esta análise será sobre o livro *Histórias da Preta*, que apresenta uma narrativa através da contação de histórias, a personagem protagonista começa a história relatando episódios de sua infância, lembrando momentos com sua mãe, tia e avós, até o início de sua vida escolar. É nesse novo ambiente, o escolar, que a menina começa a despertar seu interesse para as questões étnico raciais, com essa nova rotina a personagem vai tomando consciência dos seus traços negros, de sua ancestralidade, essas descobertas vai influenciando nos aspectos positivos, sua família é uma parte essencial nesse contexto de fortalecimento, assim como a leitura passa a ter um papel muito importante na vida da personagem, através da sua curiosidade, ela começa a pesquisar a histórias dos povos negros no Brasil, qual a sua origem, o que motivou sua vinda ao nosso país, o início da escravidão, assim como as lutas enfrentadas por esses povos africanos ao longo de séculos no Brasil.

O seu posicionamento em defesa dos seus direitos sociais vai sendo evidenciado de acordo com aquisição de conhecimentos da sua cultura, a menina vai fazendo um empoderamento, sua autoestima vai se fortalecendo de acordo com seus novos conhecimentos.

Na busca por conhecer a sua própria história a personagem, Preta, vai encontrando elementos da cultura africana, descobrindo sua ancestralidade, a origem do povo negro no Brasil, onde estes sujeitos moravam, ela faz uma viagem imaginária ao continente africano, permeado por seu olhar infantil, através da leitura de livros, e com o contato que a Preta tem com uma amiga, que também era negra, pesquisadora e escritora, nessa busca ela vai formulando hipóteses e histórias de como se originou as diversas etnias africanas, todos esses relatos vão propiciando caminhos para a superação dos preconceitos e discriminações.

Partindo da leitura do livro “Histórias da preta”, da autora Heloisa Pires Lima, buscamos apresentar uma (re)significação das concepções acerca da aceitação da identidade étnica da criança, pois segundo Ferreira (2013),

Diante do pensamento de Vygotsky compreende-se que a criança constrói sua identidade dentro e fora do ambiente escolar. Esse processo de construção se inicia desde o nascimento até o fim da infância. Quando a criança é inserida na escola, ela já traz consigo acúmulo de lembranças em sua memória. Algumas crianças são inseridas muito pequenas no contexto escolar, elas ainda não conseguem fazer relação entre as lembranças acumuladas em sua memória e a lógica (FERREIRA, 2013, p. 21).

A criança tem tendência de reproduzir os comportamentos dos adultos, é portanto, através do seu olhar infantil e da forma como é tratada pelo outro, que ela vai transmitindo a sua realidade. Com a personagem, Preta, não é diferente, ela vai se descobrindo ao realizar questionamentos de como é ser uma criança negra em um país que renega as contribuições deixadas pelos povos de origem africana. Segundo Lima (2005, p.8) “Ser negra é como me percebem? Ou como eu me percebo? Ou como vejo e sinto me perceberem? [...] Como é, afinal, ser uma pessoa negra? Eu só respondo quando responderem como é que é ser uma pessoa que não é negra”.

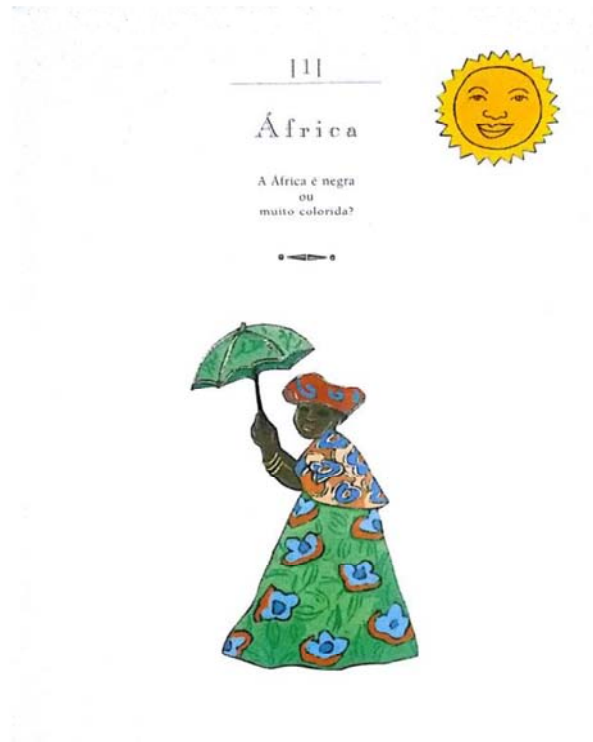
Cabe salientar, que este trabalho tem como proposta apresentar um breve estudo sobre a criança negra, tendo em vista esse campos de estudo ser muito amplo, não faremos uma abordagem aprofundada, mais um breve estudo voltado para a educação infantil com enfoque na literatura infanto-juvenil “Histórias da Preta”, da autora Heloisa Pires Lima.

Portanto, foi com base na compreensão das legislações sobre a educação antirracista, que foi apresentado à importância de se trabalhar a construção identitária da criança negra nos primeiros anos infantis, assim como propor uma quebra de preconceitos dentro da comunidade escolar desde a fase inicial da criança.

Adiante, iremos destacar e analisar alguns pontos pertinentes dos seis capítulos, dessa forma, O primeiro capítulo destaca “A história da África”, com suas diversas etnias; o segundo capítulo “O roubo do tesouro”, que aborda a temática da escravidão; o terceiro capítulo “São direitos ou estão tortos?”, que abordam os direitos adquiridos por esses povos. O quarto capítulo “Historietas da Preta”, destaca episódios da infância da personagem na escola ou com amigos, o quinto capítulo “Histórias do candomblé”, aborda o despertar da personagem para a prática da religião de matriz africana, o sexto e último capítulo “Diferente de ser igual” é o menor de todos e apresenta a proposta de igualdade racial e social.

3.1 Capítulo I - África

Figura 1 - África/Ancestralidade



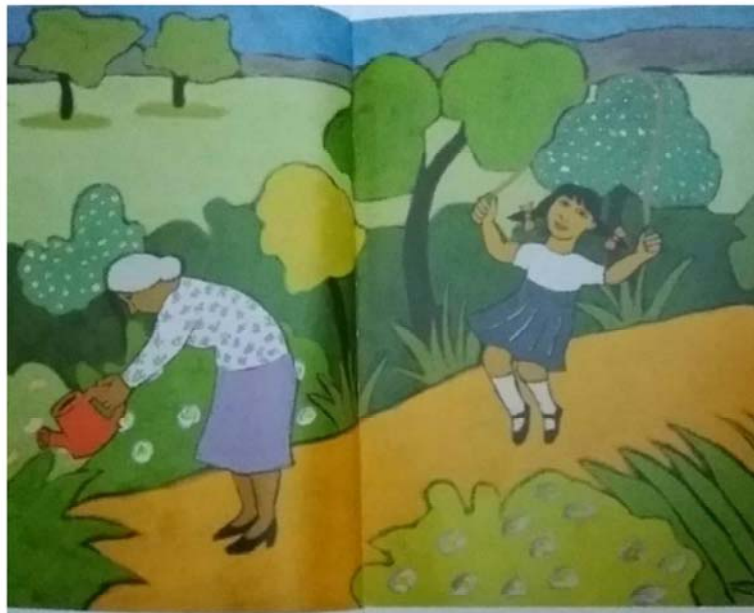
Fonte: (LIMA, 2005, p. 6-7)

Os países do continente africano estavam repletos de etnias, cada povo narra a sua história de um jeito diferente, mesmo sendo a mesma história, cada um conta de uma maneira particular, é possível identificar que no continente africano existe vários contos que apresentam a criação do mundo, prevalecendo a sabedoria sob o céu de estrelas africanas. A África é muito rica e muito colorida, essas histórias representam os seus povos e o quanto lutaram para sobreviver durante séculos de exploração e guerras.

A construção da identidade da criança, nessa narrativa ocorre através da Preta (narradora e personagem protagonista) narrando as suas memórias e lembranças. A obra é permeada por histórias carregadas de bagagem emocional e afetiva, e marcada por sua busca de conhecimentos, de acordo com Lima (2005, p. 05) “Cresci uma menina igual a todas as meninas e diferente de todas as outras. Desse jeito sou eu com minha história, nesta história com todos os tamanhos que couberem neste livro.”.

A personagem Preta nos apresenta através de uma riqueza singular de linguagem a proliferação de questionamentos sobre a identidade racial, no sentido de conhecer o processo da sua própria construção identitária para reconhecer-se como negra.

Figura 2 - A Preta com a sua avó



Fonte: (LIMA, 2005, p. 6-7)

Na sua infância com a convivência familiar ela não percebe diferenciação em relação ao tratamento por sua cor de pele e os demais membros da família que convive. Ao iniciar sua jornada estudantil é que começa a sofrer preconceitos por ser uma menina negra, na família ela tinha uma tia chamada Carula que a tratava com carinho e chamava docemente de preta, conforme aparece no trecho a seguir: (LIMA, 2005, p 05). “Eu sou a preta, era minha madrinha, a tia Carula, uma irmã querida de minha mãe, que me chamava assim”. Dessa forma surgiu o seu apelido, mais ao ser chamada de preta por outras pessoas ou crianças, é que ela começa a entender o impacto que é ser um sujeito negro.

A personagem é uma menina muito esperta e curiosa, sua busca por uma história que contasse a verdadeira história dos negros no Brasil é permeada por um imaginário infantil, do seu jeito ela recria fatos que não estão nos livros didáticos mais que estão presentes em outras fontes não oficiais. Preta vai descobrindo que existem classificações que separam os povos e sua origem (LIMA, 2005, p.09), “Dizem que sou afro – etiqueta para todos ou tudo o que é parecido com algo ou alguém da África. Euro é a etiqueta para semelhanças européias. E outros continentes, que etiquetas recebem?” ao realizar esses questionamentos ela vai descobrindo a sua ancestralidade é que ser afro remete ao continente africano.

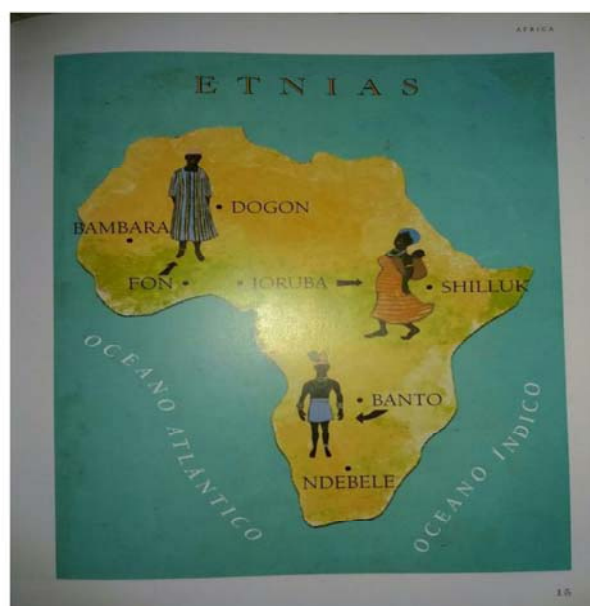
A criança negra é representada em um universo de magia nos contos africanos, a personagem protagonista, a Preta, percorre o caminho das histórias dos negros africanos, buscando elementos que outras pessoas a contaram para explicar como surgiu a presença do negro no Brasil, a religião africana é um elemento forte presente no livro, pois esta vai

mostrando o respeito à natureza e a grande diversidade de deuses cultuados, cada um com características humanas.

As etnias negras no contexto brasileiro são demarcadas pelas raízes históricas sócio-culturais e políticas que marcam a formação populacional brasileira no contexto do escravismo e pelas relações estabelecidas tanto na sua ancestralidade distantes como nas vivências contemporâneas (LIMA, 2008, p. 38).

De acordo com a narrativa as diversas etnias na África foram escravizadas e transportadas para outros continentes incluindo o continente americano, e chegando ao Brasil. A luta pelo reconhecimento do negro vem de uma longa caminhada histórica, não é difícil encontrar representações que recontam apenas a importância do branco, renegando o legado que foi deixado pelo negro para a história brasileira.

Figura 3 - Mapas das Etnias da África



Fonte: (LIMA, 2005, p. 15)

O processo de formação da identidade negra da criança vai sendo construído através das suas memórias e experiências cotidianas, para o indivíduo fazer esse processo de reconhecimento de si mesmo como sujeito negro é necessário que aconteça uma afirmação positiva desde a sua infância, a questão étnica está presente desde a base familiar até a escola. Quando a criança negra no caso da personagem principal da narrativa era chamada de preta por outras pessoas não entendia o sentido dessa afirmação. Em certas ocasiões ela fazia a negativa dessa identidade, como relata Lima (2005),

Eu não sou preta, eu sou marrom. Cor de doce de leite, como a canela, como o chocolate, como o brigadeiro. Cor de telha, cor de terra. Eu sou assim da cor dos olhos dos meus pais! E fui aos poucos descobrindo que eu era a preta marrom uma menina negra (LIMA, 2005, p. 8).

Esse processo de aceitação da sua negritude foi acontecendo gradativamente, através do apoio de seus familiares e do conhecimento buscado pela própria personagem. De acordo com Lima (2005), a personagem Preta foi aos poucos se reconhecendo como uma criança negra, ocorreu alguns momentos nesse percurso em que muitas vezes no ambiente escolar e social, a menina não aceitava a sua cor, não se reconhecia, passando também a fazer uma negativa, procurou elementos de outras cores como objetos marrons, mais não se afirmava negra, na narrativa é possível analisar que de acordo com seu desejo de conhecer os seus descendentes, a história dos povos africanos, foi que essa menina tornou se capaz de sentir orgulho da sua cor de pele, do legado histórico dos seus ancestrais, suas características físicas, ou seja, através de uma nova leitura sobre os povos negros, os escravos e dos seus conhecimentos sobre o continente africano, que a mesma teve o fortalecimento desse processo de aceitação positiva do seu corpo.

A Preta menina foi compreendendo ao longo das suas narrativas que não bastava ter a cor de pele negra, o que vai determinar se a pessoa é negra ou não, é o seu conhecimento, sua formação, a educação familiar e escolar tem um papel muito importante, pois o reconhecimento como pertencente da cultura étnica africana perpassa por entraves culturais que envolvem as relações do cotidiano nos campos; social, familiar e escolar.

A percepção da criança enquanto sujeito negro requer um trabalho desenvolvido ao longo de sua formação escolar, e familiar, enquanto sujeito aprendiz. Na narrativa a autora ressalta a importância da família da personagem “preta”, com os seus laços afetivos fortes, sua relação de carinho e amizade com sua tia Carula e a sua Avó Lídia, essas mulheres não deixavam que a preta se sentisse inferior por ser negra e muito menos que se considerasse diferente, demonstravam em sua relação o cuidado afetivo e o empenho em valorizar as características africanas. Esta menina foi crescendo e procurando a cada fase adquirir novos conhecimentos sobre a cultura africana, sua história e legado social. Até mesmo como um mecanismo de defesa social, pois somente quando o sujeito conhece a sua própria história é capaz de buscar elementos que a fortaleça. Ao longo da narrativa ela apresenta a miscigenação dos diversos povos brasileiros, como é o caso da busca por sua ancestralidade, que a faz descobrir que era também descendente de alemães, de acordo com a personagem a menina Preta achava engraçado analisar isso por ser uma menina negra.

Na obra, a autora destaca que a cor de pele não é um mecanismo capaz de determinar a sua identidade “racial”, se autodeclarar como sujeito negro descendente de povos de origem africana para muitos é um grande desafio. O negro é constantemente marginalizado, inferiorizado e tratado com desrespeito em muitas ocasiões. A autora Heloisa P. Lima, destaca esse ponto que não é somente uma questão de cor de pele, e sim uma tomada de consciência social, que permite o sujeito parar de fazer negação de sua cor.

Diante dessa marginalização do sujeito negro, dentro de sua própria história social, mesmo com a grande importância que teve o continente africano na formação de diversos países, é possível dentro da obra perceber a importância de se trabalhar em sala de aula as histórias africanas de uma maneira diferentes das que tradicionalmente estão presentes no livro didático. A riqueza desse continente esteve escondida durante muitos séculos. Segundo Lima (2005),

(...) Entendi que por muito tempo os livros diminuíram alguns povos chamando-os de tribos, por exemplo: tribos africanas, tribos indígenas, tribos orientais etc. Os autores desses livros costumavam dizer que certos grupos (as tribos) eram desorganizados, atrasados – e concluíam que o deles mesmos é que era o melhor (LIMA, 2005, p. 12).

A menina descobriu que a história da África foi diminuída, foram os pesquisadores e escritores que classificaram as antigas populações africanas em tribos, com o intuito de se beneficiar desses povos. Pois como existem relatos nos livros o negro foi explorado como mão de obra, visto como uma mercadoria pelos colonizadores, ao serem inferiorizados desde o momento em que foram descobertos até virarem escravos. Estes colonizadores não se preocuparam em conhecer os costumes e hábitos dos povos que habitavam o continente africano, o intuito foi de explorar sua mão de obra e a riqueza do continente recém descoberto.

A representação dos povos de origem africana nos livros, ainda reflete um retrato da sociedade, com seu preconceito intrínseco, reforçando os estereótipos, ainda presentes nesses materiais. Portanto, é necessário realizar um trabalho que envolva as questões raciais através de novas perspectivas, como também cabe ao professor buscar obras literárias e livros que possibilitem despertar olhares voltados para a alteração dessa imagem negativa que representa o negro como um sujeito marginalizado, através dessas mudanças nas práticas de ensino desde a infância é que vai propiciar a valorização da identidade negra nas crianças brasileiras.

Existe um vasto acervo de livros didáticos e paradidáticos que não é utilizado pelos professores, por desconhecimento ou mesmo por falta de interesse na temática, que poderiam auxiliar nas discussões em sala de aula, nas temáticas multi-étnicas.

A construção da narrativa da personagem Preta vai sendo permeada por sua curiosidade em descobrir os seus traços de origem africana, na leitura da obra podemos identificar que a menina não tinha a consciência de que era uma criança negra, só percebia que era uma menina diferente das outras, ou seja, mesmo com todo o cuidado que o ambiente familiar proporcionou a menina não impediu que esta reconhecesse alguns comportamentos preconceituosos que outros sujeitos, no caso crianças e adultos, tinham em relação à personagem principal da narrativa.

Mesmo querendo proteger a menina, a família acabou por não esclarecer as diferenças em forma de tratamentos que as crianças negras recebem diariamente em seu convívio social. Esta prática é evidenciada por muitos negros no seu cotidiano, quando o sujeito não conhece a sua origem não possui um fortalecimento étnico, se torna um alvo frágil para futuras práticas preconceituosas. Quando o professor trabalhar em sala de aula com o princípio de igualdade e respeito às diferenças é possível valorizar a diversidade de características e personalidades presentes no pequeno cenário escolar.

A escravidão, as origens das etnias, assim como a religião são pontos fortes que serviram para fortalecer sua identificação. Podemos evidenciar que muito do conhecimento adquirindo pela personagem na narrativa ocorreu por sua própria iniciativa, pois a mesma buscou se apropriar dessa cultura, que vêm desde a sua origem mestiça. A percepção enquanto negra é algo que acontece lentamente, ela não aceitou a sua negritude de forma harmoniosa, houve primeiramente a negação em se aceitar enquanto sujeito negro.

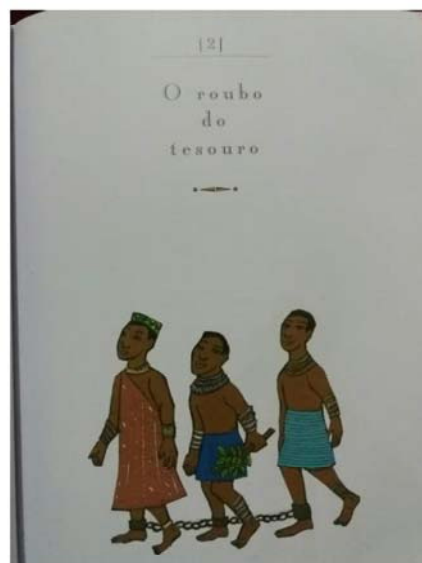
Esta reação é frequentemente exposta na sociedade brasileira. Os negros sentem, por vezes, dificuldades em fazer a sua afirmação étnica, existe sim uma negação, a imagem que é repassada do negro como sujeito marginalizado, é algo difícil de ser dissociado da figura do negro.

Através das histórias pesquisadas e descobertas realizadas, a personagem vai recontando cada uma de maneira encantadora, sua amizade com uma amiga chamada Lia foi essencial para despertar o seu interesse em descobrir os encantos do continente Africano. “Essas narrativas cheias de poesias são conhecimentos que contam sobre a criação do mundo: sob o céu estrelas africanas” (LIMA, 2005, p. 18), mostram a pluralidade, diversidade e riquezas cultural presente nas histórias que foram guardadas na memória de seus ancestrais, transmitidas pela oralidade, “Mas a história mais legal sobre a África é sobre os seus

contadores de histórias, que não escrevem nenhuma delas: guardam todas na memória e depois recontam.” (LIMA, 2005, p. 19). Esse conhecimento é repassado de geração para geração, e assim conseguiram salvar as suas memórias em tempos tão difíceis como foi o período escravocrata que sofreram os negros. A palavra tem um significado poético e de grande importância para os povos africanos.

3.2 Capítulo II – O roubo do tesouro

Figura 4 - Os escravos



Fonte: (LIMA, 2005, p. 25)

No segundo capítulo, a “Preta” inicia abordando a problemática da difícil definição em saber qual a África as pessoas negras descendem, ela mesma afirma não ter conseguido definir a sua origem. Pois de diversos pontos ou portos foram enviados escravos ao Brasil.

Neste continente existiam diversos povos, com uma grande variedade lingüística e também com algumas semelhas entre si, eles usavam a palavra Ntu para se referir ao “ser humano” e ba era o prefixo que indicava plural. “Como algumas etnias dessa região da África Central usavam a forma ntu na sua língua, então os estrangeiros imaginaram que todos eram um só povo. Mas eram centenas de etnias, e bem diferentes entre si.” (LIMA, 2005, p. 27).

Algumas crianças, jovens, homens e mulheres foram capturados em seus reinos africanos, devido às diversas guerras que ocorreram nesse continente, os povos derrotados eram submetidos aos vencedores. “Guerra é o que nunca faltou em nenhum mundo, (...) Na África aconteceram guerras também, e lugar onde não há paz fica frágil, vulnerável.” (LIMA, 2005, p. 27).

Nesses conflitos muitos africanos foram feitos cativos e trocados por mercadorias, vendidos como escravos nas rotas comerciais, nesse contexto que muitos chegaram ao Brasil, abarcando em diversos portos divididos entre os estados brasileiros. Com o aumento dessas guerras foram aumentando o número de escravos, e esse se tornou um comércio lucrativo para os governantes, portanto, segundo Lima (2005), destaca na obra:

O tráfico de seres humanos desde o transaariano foi a base da qual cresceu o tráfico transatlântico, criado não só para atender aos interesses europeus nas terras do Novo Mundo, do outro lado do oceano, mas também como resultado dos grandes negócios que os europeus tinham no continente africano. Só que esse segundo tráfico acabou sendo bem pior, por envolver uma quantidade muito maior de pessoas. Eram milhares de escravizados que se multiplicaram com o tempo – e muitos traficantes ficaram milionários nesse negócio (LIMA, 2005, p. 33).

O comércio de seres humanos foi o que viabilizou a possibilidade para que muitos reinos acelerasse o aumento de suas riquezas com o tráfico de escravos, estimularam as guerras, as trocas de escravos por mercadorias e ganhavam a mão de obra barata para usar nos países que foram colonizados pelos europeus, exemplo do Brasil. Transportavam esses escravos em navios, com condições precárias e muita falta de higiene, muitos desses homens morriam na viagem, se jogavam ao mar, era preferível morrer a perder a sua liberdade, quando chegavam nessas terras alguns conseguiram fugir, eram capturados e fugiam novamente. “No Brasil, alguns escravos conseguiram fugir e criaram os quilombos, lugares onde podiam recuperar o fôlego.” (LIMA, 2005, p. 35).

Nesses espaços quilombolas os escravos conseguiram se organizar e conviviam em liberdade, procurando se proteger do branco colonizador. Acolhiam os escravos negros fugidos das fazendas, cultivavam a terra, se tornou um lugar símbolo da resistência africana e indígena.

As pessoas negras vieram de diversos países africanos, de diferentes portos até chegarem no Brasil, os portos que mais receberam os escravos foram na Bahia, Rio de Janeiro, Maranhão e Pernambuco. O tráfico de gente não foi criado na África, mais essa é uma prática presente desde a antiguidade, foram os conflitos, guerras, entre os povos africanos que fizeram esse comércio ganhar força, nas disputas por território e poder quem perdia a guerra era capturado e passavam a ser escravizados. Na narrativa, Lima (2005) nos aponta:

Governantes juntavam-se em grupos, tomando-se mais poderosos. Eram as confederações africanas, que disputavam o poder com os outros poderes em

luta na região. Tinha o mercado de gente, o mercado de marfim, o mercado de ouro, e esses mercados dividiam e uniam as etnias. Muitas delas diminuía ou cresciam conforme os acertos de suas lideranças (LIMA, 2005, p. 33).

Os povos que eram capturados eram embarcados em navios e mandados para outros continentes do mundo, um desses destinos eram os portos brasileiros. Não foram os negros africanos os únicos a serem explorados e expostos a condições precárias de vida, os índios também passaram por esses infortúnios, esses indivíduos foram escravizados e em alguns casos acabaram sendo mortos. Lima (2005, p. 34), relata em sua narrativa que “(...) Na invasão do continente muitos índios também foram escravizados e mortos, e uma das justificativas para esse ato era dizer que eles eram pagãos, isto é, que não haviam sido batizados conforme os ritos católicos, a mesma desculpa usada nos ataques pelas costas africanas com os indígenas de lá”.

Esses povos, mesmo antes de chegarem ao Brasil, passavam por diversos infortúnios durante o percurso realizado no Oceano Atlântico, isto é, nos navios muitos morriam na travessia devido às instalações precárias e maus tratos recebidos ou se jogavam ao mar, motivados pelos sentimentos de medo da nova vida que os aguardava como também a angústia e a saudade geradas ao deixarem sua terra de origem. Muitos escravos ao chegarem nesse país lutaram bravamente para conseguir sua liberdade, procuraram encontrar meios para fugir desses locais, muitos conseguiam, mas acabavam sendo capturados novamente. Fato que não os impediam de desejar novamente ser livre, pois estes eram constantemente expostos a situações degradantes de vida, humilhados, castigados e tinha sua mão de obra explorada.

Nessa jornada, alguns escravos conseguiram fugir, e procuravam territórios onde estavam outros escravos, foram juntando forças até formarem pequenas comunidades quilombolas, que passaram a ser locais de refúgios, onde poderiam recomeçar as suas vidas. Portanto, nos aponta Lima (2005) em sua obra:

Viver de escravizar pessoas foi uma prática que se prolongou por anos, e até hoje os povos sofrem as consequências dessa história. Para mim, pior de tudo é lembrar que alguma pessoa do meu passado teve que passar por isso. (Mas pior ainda seria imaginar que alguém da minha família roubou e escravizou outra pessoa e ganhou dinheiro com essa atividade...). (LIMA, 2005, p. 36).

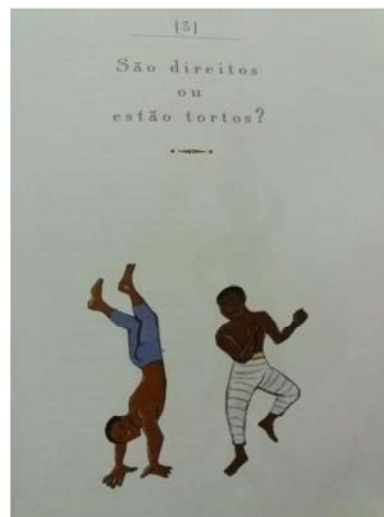
A escravidão dos povos negros do continente africano desencadeou inúmeras perdas para essa população, seu passado esta permeado de lembranças doloridas, não somente para os negros brasileiros como para os de outros países do mundo. O tráfico negreiro movimentou

a vida financeira de altos membros ricos da sociedade na época, o negro foi trocado por mercadorias, vendido a preços irrisórios. Era uma mão de obra barata e ao mesmo tempo eles eram muito resistentes e agüentavam o trabalho pesado que os índios e outros povos não foram capazes de suportar.

Não é tarefa fácil para o professor trabalhar a história da escravidão, e principalmente trabalhar de uma maneira que seja capaz de despertar um novo olhar para as lutas, as histórias e as riquezas culturais que vieram para o Brasil, junto com esse povo corajoso e batalhador que não se deixaram vencer em meio a uma situação tão difícil, lutaram bravamente por conquistar a sua liberdade.

3.3 Capítulo III – São direitos ou estão tortos?

Figura 5 - Escravos lutando capoeira



Fonte: (LIMA, 2005, p. 38)

Esse processo de escravização dos africanos teve uma longa duração, foram mais de três séculos de escravidão, Lima (2005, p. 40) diz que, “Sabe o que é ser escravizado e ter alguém mandando em você o tempo todo? E por trezentos anos? Foi assim no Brasil, o lugar onde mais tempo durou a escravização de africanos homens, mulheres e, pior de tudo crianças.”. Diante dessa narração da personagem Preta, é possível analisar através das palavras usada na fala da mesma, o quanto é doloroso para ela ter acesso a essa informações, conhecer e entender o sofrimento que esses povos africanos passaram ao longo dos anos que viveram no Brasil, contudo, é importante ressaltar que muitos desses homens e mulheres lutaram bravamente por sua liberdade.

No século passado alguns brasileiros negros ganharam destaque, apesar do contexto histórico em que viveram “Alguns brasileiros negros, apesar do tempo cruel, foram geniais – como o escritor Machado de Assis e o artista Aleijadinho, só para começar a lista.” (LIMA, 2005, p. 42).

Muitos desses representantes da comunidade negra ganharam homenagens por suas contribuições para a nação. Tiveram seus nomes imortalizados nas ruas de diversas cidades do país. Como nos aponta Lima (2005),

Mas quem não virou nome de rua pode ser que tenha acabado morando nas ruas. Depois de trezentos e tantos anos escravizados, finalmente uma lei os libertou – mas não cuidou deles. É como se tivesse havido uma guerra e depois ninguém tivesse cuidado dos feridos. Quem estava em melhores condições, sobreviveu melhor; quem estava muito machucado, sobreviveu com maior dificuldade (LIMA, 2005, p. 43).

A narradora também ressalta que os negros que receberam alforrias não tiveram nenhum apoio para viver em liberdade, depois de tantos anos sendo escravizados muitos não sabiam como seguir sem ser escravo, não tinham condições de viver sem a antiga vida, foram tantos anos sendo explorados, que muitos morreram nas ruas.

3.4 Capítulo IV – Historietas da Preta

Figura 6 - A Preta menina contando suas histórias



Fonte: (LIMA, 2005, p. 45)

Neste capítulo, a personagem-narradora Preta, começa nos contando algumas histórias que aconteceram na sua infância, nos apresentando o seu olhar de criança, sempre muito aguçado aos detalhes, relata que tinha uma amizade com uma colega que era muito branca, que chegava a ser quase transparente, como mostra o trecho a seguir:

Eu tinha uma amiga de olhos clarinhos que de tão frágil e branca quase parecia transparente! Por causa dessa diferença, um dia me olhei no espelho e vi meu rosto negro, meus lábios vermelhos, minha pintinha preta, meus olhos mais pretos ainda. Olhei para dentro de mim para ver se via minha pele por dentro. Olhei, olhei, até que um dia virei do avesso. E depois desvirei! (LIMA, 2005, p. 46).

Através de uma sensibilidade muito aguçada, a Preta vai observando, se admirando, se percebendo negra e demonstra um encantamento por sua cor, seus traços físicos, essa afirmação positiva da sua imagem é resultado da sua educação, influência da família e das informações que a mesma teve acesso.

Em outro momento, a narradora- personagem os relata outro episódio vivido na escola, quando chegou um menino que tinha os olhos azuis, que despertou muita curiosidade das crianças, pois a maioria tinha olhos negros ou acastanhados, o fato do menino ter uma característica diferente dos demais alunos despertou a admiração, e desejo em alguns colegas de poder mudar a tonalidade dos seus olhos. Outro caso semelhante aconteceu com outro amigo da Preta, conforme o trecho: “Ai lembrei de um amigo de olhos negros que se mudou para uma terra onde todo o mundo tem olho claro. Quando seus olhos negros passavam pelos corredores de lá, um monte de olhos azuis ficava olhando e querendo os olhos dele.” (LIMA, 2005, p. 46).

Compreendemos que a percepção das diferenças e valorização das características do outro, vai sendo absorvida de forma positiva de acordo com a educação que a criança recebe, por isso, a importância de se trabalhar as questões raciais, o respeito às diferenças e compreender que todos os seres humanos possuem características físicas diferentes. A exemplo disso, notamos que até mesmo quando determinado grupo de pessoas possuem a mesma cor de pele podem ser considerados diferentes ou iguais dependendo do contexto sociocultural em que estejam inseridos.

No contexto escolar, a forma como é trabalhada a história do negro aos estudantes é através de aspectos muitas vezes negativos, repassando velhos estereótipos, como os aspectos da escravidão, o negro sofrendo punições, totalmente dominado pelo branco. De acordo com a personagem Preta, que faz alguns questionamentos sobre isso.

Como é o ser negro que aprendi na escola? Lembro do retrato de um homem amarrado, a calça abaixada, apanhando num tronco. Essa era a imagem que aparecia repetidamente nos livros escolares. Por que mostravam sempre a mesma figura negra totalmente dominada? (...) E nas historinhas infantis, então? O único personagem de que me lembro é o Gato Félix, que é um gato preto. Nunca encontrei personagens negros fazendo papel principal num enredo de amor ou numa aventura. Nas poucas histórias em que eles ganham destaque, são pobres e tristes, na melhor das hipóteses. E na televisão, nos cartazes do shopping, nas revistas, a regra é esta: quando aparece a imagem de uma pessoa bem-sucedida, bonita, charmosa e competente, essa pessoa não é negra (LIMA, 2005, p. 47).

A imagem dos negros nos livros didáticos mesmo com todo o aparato disponível, com as reivindicações e lutas sociais para alterar esse cenário continua sendo desprivilegiada, uma vez que existe uma prevalência de destacar apenas os heróis nacionais, na figura do branco. O sujeito negro está associado ao sofrimento, à marginalidade, a exclusão social. Nestas matérias é notável a ausência de história que valorizem as lutas, suas riquezas, cultura e cores de uma povo feliz que lutou e continua lutando por seus direitos, respeito e igualdade social.

A ausência de histórias infantis com personagens negros é outra lacuna no ensino infantil, a criança negra não se identifica com os contos e histórias que apresentam a figura do branco como o belo, apesar de nos dias atuais já terem diversos livros que abordam esse contexto racial, a sua utilização por partes dos professores é escassa. Existem muitas formas de se repassar o preconceito racial, às vezes as crianças o identifica de forma simples como realizar uma consulta ao dicionário Aurélio.

Procurei a palavra negro e entre os seus significados estavam estes: “sujo, encardido”, “triste”, “maldito”. Mais embaixo vinha negrura, palavra que podia ser associada à idéia de crueldade, perversidade, ruindade, falta, erro, culpa. Sai da sala achando que ser negro não era muito bom não. Passei pela secretaria e uma moça falava em tom de desespero: “ A coisa esta preta!”. Pensei então assim eu não vou querer ser nem negra nem preta” (LIMA, 2005, p. 48).

Portando, é possível através de um olhar mais minucioso voltado para as práticas encontram diversas situações onde o racismo está presente no cotidiano e sendo repassado constantemente, sejam através de antigos mecanismos de reprodução de conteúdos como os livros didáticos, com figuras que apresentam idéia de sofrimento e dor, na definição de uma palavra no dicionário, como a palavra negro, ou no sentido dado a palavra pelo seu locutor, esses são alguns exemplo negativos que estão presentes no cotidiano escolar de algumas crianças negras.

Situações como essa, relatada no livro acontecem semelhantes em diversas regiões do Brasil, esse tipos de documentos e cenas são práticas que passam a idéia negativas para as

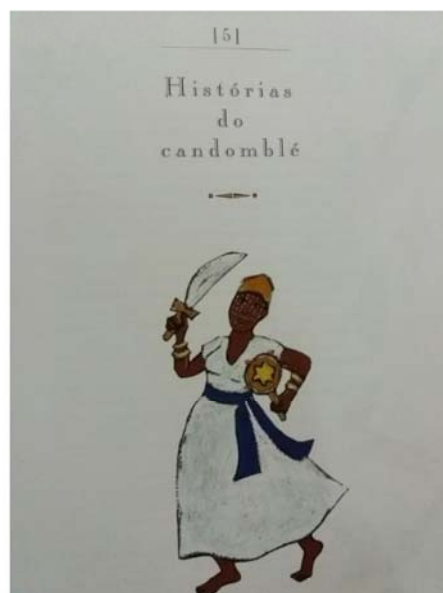
crianças, cabe aos profissionais que atuam na educação realizar um processo de desconstrução de estereótipos, através desse reconhecimento e propor um rompimento dessa propagação de inferioridade do sujeito negro. Cabe ao professor trabalhar conteúdos que fortaleçam a identidade da criança negra, é essencial trabalhar a desconstrução dessa negatividade, mostrar a criança que ser negra não é algo ruim, que sua cor tem uma história muito rica, que seus ancestrais foram povos que lutaram bravamente por liberdade, realizando assim, uma nova abordagem da história do negro brasileiro.

O racismo contra as pessoas negras começa assim: como um desequilíbrio na forma de tratamento dado a elas, com base em características biológicas. (...) E junto com o preconceito racial está a desigualdade quanto aos direitos civis ou direitos de cidadania. No Brasil, o modo mais comum de dizer que não há diferença de direitos é afirmar que aqui todo mundo é igual, ou seja, que os direitos civis estão garantidos igualmente para todos. Mas nós sabemos que não é bem assim, não é mesmo? (LIMA, 2005, p. 50).

A autora Lima, destaca que existe sim a presença marcante do preconceito, da desigualdade social e do racismo no Brasil e que há uma negação disso quando ocorre o apontamento de uma possível igualdade racial que não existe na sociedade.

3.5 Capítulo V – Histórias do Candomblé

Figura 7 - Religião/Candomblé



Fonte: (LIMA, 2005, p. 53.)

O primeiro contato da personagem principal com a religião de matriz africana ocorreu quando ela já estava numa fase maior de sua infância, conforme ela menciona Lima (2005, p.

54), “A festa foi como uma flecha que me atirou para dentro de um mundo desconhecido. Até crescer, eu havia estudado em escolas de freiras católicas, e, geralmente, quando se é criado numa religião, aprende-se a evitar as outras.”. Portanto, foi por sua própria iniciativa, que entrou na casa onde estava sendo realizada a festa, e veio a conhecer a religião africana, as pessoas que freqüentavam esse lugar, eram adeptas do candomblé, neste dia era o seu aniversário, e ela considerou “como um presente dos céus” (LIMA, 2005, p. 54), neste dia estava acontecendo uma festa de caboclo.

Os africanos, quando vieram para o Brasil, trouxeram sua religiosidade. E a festa de caboclo é uma festa de religiosa. Conta-se nos candomblé que ela foi criada para reverenciar os habitantes da terra, que eram os índios. O caboclo que comanda essa festa representa um índio e se apresenta vestido de índio (LIMA, 2005, p. 54).

Existe varias religiões brasileiras que tem sua origem no continente africano, como a Preta deixa transparecer na sua narração, muitas pessoas que são criadas em uma determinada religião aprendem a evitar o contato com as outras, mais no caso das religiões africanas essa questão abriga muitas outras facetas, pois é propagando um medo, para quem prática essa religião, assim, como é forte a discriminação, muitas vezes por falta de conhecimento, ou ignorância, de quem faz essas atitudes de desrespeito com os membros dessas outras religiões.

A personagem Preta aponta, segundo Lima (2005, p. 54), “Das religiões de origem africana sempre me chegavam informações muito preconceituosas. Sempre punham medo na gente.”. Portanto, nesse diálogo é ressaltada a imposição de uma determinada religião na educação infantil, principalmente quando esta criança estuda em colégios católicos, mas essa prática discriminatória também está presente em outras escolas, pois muitas vezes o ensino religioso está vinculado aos embasamentos católicos, acarretando a uma discriminação com as outras religiões, não somente com as de matrizes africanas.

O racismo religioso no Brasil é muito forte, mesmo que nos últimos anos tenham se promulgado leis que favorecem a prática de cultos religiosos de todas as vertentes doutrinárias, muitas pessoas continuam com medo de adentrar em religiões de matriz africana limitam ainda mais a sua prática, como afirma a historiadora Silva quando diz que

As práticas religiosas pertencentes ao universo afro-brasileiro causam estranhamentos, e esses são em muitos casos o ponto de partida para agressões verbais ou físicas, as quais denominamos atualmente como atos de intolerância. A intolerância religiosa acentua as diferenças, exaltando o preconceito e a discriminação e vários tipos, atingindo a pessoa, o complexo cultural e a opção religiosa, restringindo assim, o exercício de cidadania. Ela

é caracterizada por ações de perseguição, violência física, que motivam uma situação de acossamento (SILVA, 2016, p. 53).

No Brasil é constante ocorrer casos de intolerância religiosa, só que muitos desses casos são silenciados. Segundo Silva (2016, p. 53), “Temos atualmente leis que asseguram a liberdade religiosa, entretanto os casos de intolerância religiosa ainda acontecem com frequência, contudo poucos são aqueles que ganham divulgação”.

Figura 8 - Culto aos Orixás/festividade



Fonte: (LIMA, 2005, p. 56-57)

Existe uma riqueza cultural muito grande nas narrativas dos contos africanos, nas lendas e simbologias presentes nos contos dos orixás, esse conhecimento é negado às crianças negras, o medo está tão presente no cotidiano que muitas só despertam interesse nessas religiões na fase adulta. Conforme Lima (2005, p. 55) relata sobre o sentimento da personagem Preta, “Eu também tinha medo e nunca havia chegado perto dos batuques. Só depois dessa primeira festa é que fui a muitas outras de candomblé. Mas quem cresceu dentro dos candomblés conheceu muito antes a beleza desse modo de ver o mundo e a vida.”.

3.6 Capítulo VI – Diferente de ser igual

Figura 9 - A personagem representa as diferenças



Fonte: (LIMA, 2005, p.61)

Neste último e breve capítulo é ressaltado a importância de trabalhar as diferenças dentro desse contexto social, que não é fazendo uma negação disso que irá resolver o problema, não adianta continuar propagando o mito de igualdade dentro da sala de aula, ou fora desta, no com intuito de afirmar que não existe racismo, ou práticas preconceituosas, é abordando as diferenças um do outro, independentemente de sua cor de pele, nacionalidade, e costumes culturais. Nenhum sujeito é igual ao outro, no entanto, cabe ressaltar que em todas as sociedades existem grupos que possuem suas diferenças, mas que no final todos tem semelhanças em comum.

Quem são os diferentes? Depende de como eu sou. Mas se eu for muitos? Então vou ser parecida com muitos. Mas sempre tem um que todo mundo vai dizer que parece comigo. Enfim, iguais e diferentes podem ser diferentes e iguais. A diferença enriquece a vida e a igualdade é um direito de todos. Somos iguais nos direitos à vida (LIMA, 2005, p. 62-63).

Através do trabalho dessas relações sociais, tem sido estabelecido novos princípios de igualdades, valorizando a vasta diversidade étnica-racial e cultural presente na sociedade brasileira. Sejam através do uso de novos meios didáticos, como também utilizando obras de literatura afro-brasileira, que abordem essa problemática dentro do contexto escolar das crianças negra, desta forma, o uso da literatura infanto-juvenil é um dos mecanismos que propõem aos professores (as) fazerem pontes que se interliguem com a realidade étnica, social e cultural do seu alunado.

Ao iniciar essas abordagens o professor precisa ficar atento aos futuros comportamentos que poderá surgir por parte dos seus alunos e alunas, pois no momento que se inicia a leitura dessas obras, as crianças brancas ou negras reagem de diversas maneiras, a inserção do negro como personagem principal das historinhas, às vezes provoca uma aceitação fácil dentro do contexto escolar, mais em outras ocasiões essa aceitação não acontece de forma branda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a obra aponta questões que refletem a preocupação em estabelecer uma literatura compromissada em (re)significar o posicionamento de alguns elementos que contribuíram na formação da identidade negra desde a mais tenra idade. Mostrando o processo pelo qual a Preta que é a narradora-personagem percorreu ao se perceber negra e aceitar sua identidade étnica. Neste livro, é possível evidenciar alguns episódios de preconceito racial sofrido pela narradora.

Iniciar a elaboração desta pesquisa foi um novo desafio enquanto pesquisadora dessa temática, caminhar por um espaço social permeado por inúmeros medos, ansiedades e descobertas que se constitui a formação da identidade da criança negra. Essa busca por adentrar na infância da criança negra, nos remete ao desafio de entender o processo de descoberta e a percepção da negritude desde os anos iniciais.

Através dos estudos na especialização direcionados para as relações étnico- raciais no ambiente escolar, partindo dos aparatos que estão dispostos aos profissionais que almejam modificar esse cenário social, destacando a lei 10639/2003 (BRASIL, 2003) foi possível realizar um estudo, no intuito de compreender como é necessário fazer uma interação entre a formação da identidade étnica através do uso da literatura infantil, como o professor pode direcionar o seu alunado para essas novas abordagens de conteúdos comprometidos com a realidade dos alunos negros.

Para muitas crianças brasileiras sua percepção de cor ocorreu no ambiente escolar, através de gestos, brincadeiras pejorativas, e atitudes negativas com relação a sua cor de pele. Nessa abordagem, a personagem foi buscar mecanismos que fortalecessem sua etnicidade, através da leitura, e o seu fascínio, despertado por sua curiosidade, ganhou força nas suas leituras diárias.

A sociedade brasileira é marcada pela pluralidade étnica, desde a sua formação, mesclada por três grupos distintos; os portugueses, índios, e negros de origem africana. Essa junção de povos propiciou a formação de um país marcado por um cenário miscigenado e repleto de desigualdades sociais.

A literatura infantil é um mecanismo carregado de possibilidades, de acordo com o intuito do autor da obra, é possível realizar uma ligação com os fatos do cotidiano, através de textos que trabalham essa preocupação de inserir a realidade das crianças junto ao livro trabalhado. Despertar sentimentos de inquietação, vontade de mudanças da realidade

vivenciada, através da verossimilhança dos personagens com a vida real é algo possível dentro dessa realidade fictícia.

Com isso, as análises foram construídas de acordo com abordagem da autora quanto às temáticas: História da África, Conflitos Étnicos, Escravidão e seus desdobramentos, Relações étnico-raciais, Racismo, Religiões de Matriz Africana, etc. Portanto, nessa narrativa foram realizadas em alguns capítulos uma análise mais densa em virtude do conteúdo do capítulo do livro ser mais complexo, outros capítulos foram destacados fragmentos que são de grande importância para o conhecimento da história da África.

Nesta obra também foram abordados alguns conteúdos considerando dentro do campo de estudos mais pertinente ao trabalho que foi realizando no período do curso, relacionando as disciplinas estudadas na especialização, esta obra é muito rica em conteúdo sobre a temática das relações raciais e a riqueza cultural deixada pelos africanos para o Brasil. Diante das conclusões que foram feitas, nota-se a possibilidade de se realizar novas pesquisas utilizando essa obra literária de forma mais abrangente em outra linha direcionada aos estudos étnicos raciais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, 10 dez. 2003.

_____. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Ministério da Educação. Ministério da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial/DF, 2009.

BUSS-SIMÃO, Marcia, Adônis Santin. Disponível: ISSN 1982-7199|DOI: <http://dx.doi.org/10.14244/198271991088> , Revista Eletrônica de Educação, v. 9, n. 2, p. 537-565, 2015.

FERREIRA, Maria de Fátima. **Inclusão: Afirmado a Identidade da Criança Negra na Educação Infantil**. / Maria de Fátima Ferreira, Sildyane Pereira Rocha. – Serra: Faculdade Capixaba da Serra, 2013.

LIMA, Heloisa. **Histórias da Preta/Heloisa Pires Lima**; ilustrações Laura Beatriz – 2ª Ed - São Paulo: Companhia das letrinhas, 2005.

LIMA, Heloisa. Personagens negros: Um breve perfil na literatura Infanto-Juvenil. In: MUNANGA, Kabengele. (org) **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2005.

LIMA, Maria Batista. **Identidade Etnico/Racial No Brasil: uma reflexão teóricometodológica**. Disponível: http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_3/DOSSIE_FORUM_Pg_33_46.pdf, Ano 2, volume 3 – p. 33-46 – jan-jun de 2008.

MARIOSIA, G. S.; Reis, M. G. **A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças**. Est. Literaria, v. 8, p. 42-53, dez./2011.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na Escola**. 2 ed. revisada. – Brasília: MEC/SECAD- Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e diversidade, 2005.

PEREIRA, Amilcar Araujo. Organizado por/ **Educação das Relações Étnico-Raciais no Brasil: Trabalhando com Histórias e Culturas Africanas e Afro- Brasileiras nas Salas de Aula**. Fundação Vale, Brasília 2014.

PRODANOV, Cleber Cristiano, Ernani Cesar de Freitas. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SARZEDAS, Leticia Passos de Melo. **Criança Negra e Educação: um estudo etnográfico na escola**. 2007. 167f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007.

SILVA, Paula Maria Fernandes. **Saberes Ancestrais na Escola, In: E82 Estudos étnico-raciais na educação básica** /Ivonildes da Silva Fonseca, Marta Furtado da Costa, Waldeci Ferreira Chagas, organizadores – João Pessoa: Editora imprell, 2016.